

A sexualidade silenciada na escola: implicações da orientação sexual subjacente no cotidiano escolar **7**

Maria Veranilda Soares Mota*

RESUMO

Este trabalho enfoca a sexualidade dentro de um contexto sócio-cultural, em que normas de conduta, crença e valores vão definindo sua vivência. Concebe a sexualidade como fator político relevante na formação da subjetividade do homem. A investigação desenvolveu-se em duas fases: uma teórica, em que procuramos estudar questões que dizem respeito à sexualidade, com auxílio de diversos teóricos, sobressaindo-se Wilhelm Reich, pela sua grande contribuição no estudos acerca do tema. A segunda fase consistiu na análise de observações, questionários e entrevistas, tendo como alvo adolescentes e professores de duas escolas públicas. Dentre os principais dados obtidos, destacamos:

1. o silêncio em torno da sexualidade não é um vazio mas, na realidade, um símbolo proibitivo, que acarreta preconceitos e regras de comportamento.

* Professora da Universidade Federal de Uberlândia Mestre em Educação pela UFC a Doutorada em Educação (UNIMEP).
Recebido em 14.05.96

2. a ignorância é utilizada como instrumento de poder e favorece a internalização e reprodução das interdições sociais, no que se refere à sexualidade.
3. embora a escola não desenvolva uma orientação explícita, a norma sexual ultrapassa toda a experiência escolar do aluno.

INTRODUÇÃO

“Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política”.
(Marcuse)

Ao concebermos a sexualidade enquanto uma força que embarca o indivíduo em toda a sua integridade, que em sua expressão interfere na vida política e econômica de histórica, sempre aberta a novas significações.

Apesar de ser um aspecto natural e positivo da vida, a sexualidade tem se caracterizado historicamente, na maioria das culturas, pela negatividade resultante da repressão. Mesmo assim, não podemos deixar de percebê-la como aspecto que transcende ao biológico, vendo-a como parte integral da vida, que está estreitamente relacionada com o desenvolvimento da personalidade, com as relações interpessoais e com a estrutura social.

Diante de uma dimensão tão ampla, nos sentimos induzidos a questionar o silêncio da sexualidade na escola. Tal fato se torna mais questionável, quando percebemos ser fase da escola obrigatória - 07 aos 14 anos - que se dá a “revolução biológica que transforma não apenas o nosso corpo, mas, sobretudo, o nosso espírito e a nossa sociabilidade.” (Cândido, 1979)

É intrigante o descaso para com a sexualidade dos adolescentes constatado no cotidiano escolar. Pois, na verdade o indivíduo passa boa parte de sua vida na escola, onde lhe falam de “quase tudo”, mas não se menciona o desabrochar natural de sua sexualidade e do seu desenvolvimento. Portanto, é fundamental que se questione a quantas anda a educação e que se reflita mais sobre nosso cotidiano pedagógico.

MÉTODO

Ao tratar do tema sexualidade é fundamental não fazê-lo de forma isolada, mas percebê-lo dentro da complexidade que representa o homem. A intenção deste trabalho foi refletir a realidade, para, a partir de um conhecimento real, pensar possibilidades de transformá-la. Por isso, buscamos descobrir a estrutura oculta nos emaranhados da realidade escolar, fazendo sobressair o aspecto sexualidade, percebendo-a como instrumento de poder social, articulada aos eixos individual e coletivo da vida humana.

Revestidos desta preocupação, procuramos analisar a sexualidade contextualizada no social, com auxílio de diversos autores que, ao longo deste século, tem desvendado e explicitado o mistério que envolve a dimensão sexual. Além destes, 113 adolescentes de duas escolas públicas (uma situada na periferia e a outra no centro) da cidade de Crateús-CE, estiveram envolvidos conosco neste trabalho. Com eles convivemos durante um ano e meio, aproximadamente, observando-os, aplicando questionários, proferindo palestras, participando de um seminário. Mantivemos também, durante este tempo de pesquisa, contato com a direção das escolas e com professores, a quem aplicamos um questionário e fizemos entrevistas.

Com estes dados coletados, passamos para o processo de análise, buscando integrar os fatos de foro individual (nível micro) com a estrutura social (nível macro), evidenciando que, ao discutirmos sexo, discutimos sobre quem somos e o tipo de sociedade que desejamos.

CONTEXTUALIZANDO A SEXUALIDADE

As questões subjetivas, no meio acadêmico, até bem pouco tempo eram tratadas com um certo menosprezo, em decorrência de uma supervalorização das questões econômicas - objetivas. Parece-nos que uma leitura determinista e mecânica de Max é responsável pela desvinculação de tais dimensões, proporcionando a quase eliminação do fator subjetivo em alguns momentos da história. Tal fato apenas favorece à lógica de dominação capitalista, pois os representantes do capital reconhecem e utilizam os fatores subjetivos para veicular, na estrutura psíquica dos indivíduos, suas ideologias. E um destes fatores é a sexualidade.

Sendo a escola uma instituição socio-política, é ela também, responsável pela construção da subjetividade do aluno. Numa sociedade onde os interesses de grupos sociais estão longe de serem conciliáveis, e a educação é orientada para determinados fins, fica evidente que a visão de sexualidade perpassada pelas escolas sofre influências de uma dada orientação geral.

Wilhelm Reich, autor das contribuições mais originais no debate em torno de Marx e Freud, no início do século, critica o marxismo por este ter desprezado mediações concretas que fundamentam a internalização de valores e ideologias. O problema fundamental a ser analisado, na visão de Reich, consiste em compreender a essência da estrutura psicológica das massas a sua relação com a base econômica da qual se origina, ou seja, “como é possível que a criação das estruturas psíquicas da camada básica da sociedade, se adapte tão bem à estrutura econômica e aos objetivos das forças dominantes como peças de um instrumento de precisão.” (Reich, 1988)

Partindo desta preocupação, Reich tenta integrar a psicologia de Freud com a teoria econômica marxista, pois para ele “a existência humana é determinada tanto pelos processos instintivos como pelos processos sócio-econômicos.” (ibidem) Daí defender que todas as condições humanas deveriam ser enfocadas para melhor compreender o social.

Assim, as realizações mais pessoais, mais íntimas do instinto e do pensamento humano deveriam ser analisadas juntamente às condições que fazem parte do processo de trabalho.

A fim de evidenciar a complexidade destas questões, o referido autor apodera-se das descobertas de Freud acerca dos mecanismos da opressão a repressão sexual, para constatar que, historicamente, o surgimento da repressão da sexualidade dá-se com o início das divisões. Por conta deste fato, Reich afirma que é preciso transformar a estrutura social para que as pessoas possam viver sadiamente, visto que é através de suas instituições, que impõe uma vida miserável às massas, por meio da inibição moral da sexualidade natural, iniciada logo nos primeiros anos de vida da criança. Esta inibição “torna a criança medrosa, tímida, submissa, obediente, boa e dócil, no sentido autoritário das palavras. Ela tem um efeito de paralisação sobre as forças de rebelião do homem, porque qualquer impulso vital é associado ao medo; e como sexo é um assunto proibido, há uma paralisação geral do pensamento e do espírito crítico.” (ibidem)

Isso nos leva a crer que por meio da inibição sexual, somos submetidos a um enquadramento sexual. Mesmo sem uma orientação explícita, instituições como, a escola e a família, especificamente, estão a fornecer uma formação consoante com normas e valores da sociedade. Assim, não resta dúvida: desde que nascemos estamos submetidos a uma determinada educação sexual.

É importante destacar que, pare Reich, a condição “sine qua non” do processo de ideologização passa pelo controle da sexualidade, visto que, ao reprimi-la, cria-se e consolida-se um sistema de valores normativos, além de predispor-se o aparelho psíquico dos indivíduos ao receio da autoridade. O medo e a angústia inerentes, a esta situação, paralisam as faculdades intelectuais críticas.

Sendo a sexualidade uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana, aqui torna-se fundamental reafirmarmos ser ela mais um mecanismo de reprodução. A sexualidade transcende ao biológico, é parte integral da vida da pessoa e está estreitamente relacionada com o desenvolvimento da personalidade, com as relações interpessoais a com a estrutura social. Porém, acontece que a sexualidade humana, em geral, não se expressa nem se realize com naturalidade, mas de fato está quase sempre reprimida, controlada, deformada e manipulada pelo poder social. Pelo visto, é a sexualidade um aspecto e positivo da vida humana, caracterizado historicamente na maioria das culturas pela negatividade, resultante da repressão.

É notório que, a cada dia, a sociedade produz novos mecanismo de controle da sexualidade. Embora os suavize, não deixa de estabelecer normas, regras, valores, decretando continuamente permissão ou proibição nas práticas sexuais genitais, seja através da Educação Sexual, seja através do surto de doenças (início do século, sífilis; hoje, AIDS) ou outros problemas.

Quando se traz à tona a questão da educação sexual, geralmente não se trata de uma preocupação com o prazer e o bem-estar dos indivíduos, e sim pretexto para contornar alguns fatos considerados prejudiciais à ordem estabelecida. A proliferação de doenças venéreas, de nascimentos ilegítimos a alta taxa de crescimento demográfico, o fenômeno AIDS, abortos são considerados problemas, e estão **intrinsecamente ligados** à sexualidade. Para solucioná-los, busca-se a educação sexual que, neste caso, passa a ser interpretada fundamentalmente como transmissão de conhecimentos fisiológicos e anatômicos, mais preventivos de comportamentos indesejados do que promotores do bem-estar e da felicidade sexual dos jovens.

Ao longo da história a educação sexual tem sido fundamentalmente um mecanismo para a solução de problemas. Deste modo, perde-se a perspectiva de uma educação sexual que visualize a pessoa como um todo, situada num contexto social e que procure esclarecer o carácter específico da sexualidade humana, enquanto não só meio de reprodução, mas também de relação e enriquecimento interpessoal.

Urge transformarmos os padrões de relacionamento sexual vigentes. Para tanto, precisamos superar a ignorância tão marcante na vida das crianças, adolescentes e adultos. É a ignorância um grande empecilho à obtenção do equilíbrio do sujeito com o mundo. É ela que nutre as superstições propicia a absorção de idéias falsas, além de impedir a sua própria superação, dificultando os questionamentos, o pensar e o repensar sobre nós mesmo.

OS ADOLESCENTES E O SILÊNCIO

Foi com base nestes pressupostos teóricos, que procuramos entender o silêncio da sexualidade no interior da escola pública, captando e interpretando o sentido que os adolescentes têm de sua realidade, buscando apreender como pensam sua sexualidade, suas concepções e valores.

A pesquisa revela a ignorância em que se encontram os adolescentes. Parece-nos que a ignorância, além de propiciar a absorção de idéias deturpadas e de impedir o questionamento sobre nós mesmos, não permite reconhecer e valorizar o indivíduo como sujeito histórico que está em constante relação com outros.

Os adolescentes sentem um imenso interesse em discutir, falar, ouvir, ver tudo que se refere à sexualidade. Nesta fase da vida, a sexualidade perpassa todas as atividades e os pensamentos, tornando-se o assunto predileto de conversas, o ponto principal das preocupações dos adolescentes. Mas o que se verifica, em pleno final deste século, é ainda o silêncio da maioria das famílias e escolas em torno da questão

Por conseqüência deste fato, mantém-se estereótipos, reforça-se a dupla moral sexual, alimenta-se preconceitos, e abre-se espaço para o discurso liberal, que é usado com mais facilidade pelos adolescentes, refletindo uma incapacidade de crítica da realidade vivida.

No entanto, é compreensível tal atitude, se observarmos a falta de espaço onde crianças e adolescentes possam desenvolver uma postura diferente. A família e a escola calam-se diante da sexualidade de seus fi-

lhos e alunos, o que só aumenta a ansiedade que sentem diante das transformações que ocorrem em seus corpos. Dos 113 adolescentes que responderam nossos questionários, apenas 20 conversam sobre sexo com seus pais. Noventa e três deles, ou seja, 82% nunca tiveram a oportunidade de receber uma informação através de seus pais.

Os pais não conversam com seus filhos acerca do assunto e, quando perguntados, muitos proíbem veementemente qualquer discussão, como nos revelam os adolescentes pesquisados. Todavia, os pais que demonstram uma abertura para o diálogo, quando o fazem, é para aconselhamentos de cunho moralista, alertando os meninos para terem “cuidado com as meninas de hoje”, para “não se apaixonarem pela primeira garota que transarem”, já para as meninas, aconselham a só terem relações após o casamento, a não caírem em “cantada” dos homens, não caírem em tentação, pois, se acontecer alguma coisa, elas serão expulsas de casa.

Como se vê, os pais não estão preparados para o diálogo, já que se encontram imbuídos de idéias negativas, associam sexo a pecado. São atitudes como estas que deformam a vida sexual e emocional das pessoas. Como diz Amparo Caridade (1990), ao se falar de sexualidade está implícito o falar de afetividade, e a educação desta começa bem antes de o indivíduo nascer, o que nos faz acreditar serem os pais os primeiros e principais educadores da sexualidade. Infelizmente, poucos pais têm consciência deste fato. Na sua grande maioria, não percebem as conseqüências de uma educação opressora exercida por eles, a qual, sob o pretexto da moral, inculca conceitos reacionários, deixando assim, crianças e adolescentes à mercê de informações deturpadas

Contudo, esta dificuldade não é característica apenas dos pais. É também dos professores. A escola, assim como a família, cala-se em torno da sexualidade. Fato que nos parece estranho, diante da explosão de discurso que envolve a sexualidade, nos diversos canais de comunicação. Dificuldades para responder às indagações dos alunos e discutir sobre qualquer assunto ligado a sexo é o normal entre os professores, cuja saída mais viável é silenciar e impor silêncio a seus alunos. Dos 113 adolescentes pesquisados, apenas 09 mencionaram alguma fala dos professores sobre sexo, ocorridas nas aulas de ciência sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino.

Reconhecendo este problema, parece-nos que as primeiras pessoas da escola a necessitarem de “educação sexual” - que informe biologicamente, discuta preconceitos, sentimentos e emoções - são os professores. A ignorância, tabus e preconceitos em que se encontram, lhes impede orientar sexualmente seus alunos. Quando tentam responder às indagações, passam muitas vezes, preconceitos que, a nosso ver, são mais prejudiciais

que a ignorância, pois atitudes negativas frente a sexualidade têm um peso muito maior do que a ignorância na formação dos indivíduos.

Quase todos os professores que responderam nosso questionário, não se consideram preparados para conversar sobre sexo com seus alunos, pois, como dizem, não têm conhecimentos necessários e suficientes para tal, mas reconhecem a necessidade de se fazer algo neste sentido. Apenas 11 professores devolveram nosso questionário, outros se recusaram a responder ou rasgaram por achá-lo “imoral”. Destes, apenas 03 se consideram aptos a trabalhar com orientação sexual. No entanto, dentre estes, dois se revelam possuidores de informações incorretas e postura moralizante diante da sexualidade: desde definir menstruação como uma “passagem da fase criança para adolescente”, e opinar sobre a homossexualidade como “absurdo”, e sobre o aborto como pecado.

É importante lembrar que as crianças nascem sem problemas sexuais, e que é a educação oferecida que as faz adultos com disfunções sexuais, tão acentuadas neste fim de século.

A democratização do saber é condições inegável à construção do homem, capaz de exercer sua cidadania e de vivenciar sua sexualidade como impulso natural, pois a ignorância traz conseqüências funestas à vida de um povo. A informação negativa, a exploração, a submissão são também resultantes da ignorância. A sexualidade, um dos aspectos da educação, não pode mais ser ignorado ou abandonado nos depósitos de problemas da família e da escola, pois nestas instituições os indivíduos comumente passam por elas. A negação do saber representa uma fonte de ignorância, responsável pela nutrição de superstições populares, baseadas em concepções errôneas que acabam por definir a forma de vidas das pessoas. A crença de que mulheres menstruadas são capazes de azedarem vinhos, tornar as sementes estéreis, fazer as frutas secarem, bolos e doces estragarem, por muito tempo determinou o comportamento das mulheres. Ainda hoje, mesmo com todo o avanço científico-tecnológico, muitas crenças perduram. Nossos adolescentes acreditam que à mulher menstruada é proibido comer manga, limão (72%), masturbar-se (51%), praticar esportes (44%), lavar cabelo (15%), tomar sorvete (10%).

Com efeito, não é à toa, a frustração vivenciada em torno da sexualidade, diante de tanta ignorância e concepções infundadas que rodeiam a mente dos adolescentes e adultos. Talvez seja o sexo um dos assuntos mais sujeitos a tabus e preconceitos, principalmente quando se observa que, até bem pouco tempo, era praxe considerar a ignorância sexual como sinônimo de inocência e pureza.

Os resultados deste trabalho revelam o exposto acima. Muitos fatores contribuem com o quadro explicitado na pesquisa. Sintetizando, podemos dizer que:

01. Apesar do silêncio, a sexualidade perpassa todas as atividades e o pensamento dos adolescentes, tornando-se o assunto predileto de suas conversas;
02. Os adolescentes adquirem valores sexuais com base em estereótipos estabelecidos pela dupla moral sexual;
03. Os adolescentes não entendem porquê “o sexual” é tratado com tanto mistério pela escola, pela família e por toda a opinião pública;
04. Os adolescentes encontram-se num alto grau de ignorância, o que impede uma real liberdade sexual;
05. Não há diálogo acerca da sexualidade entre pais e adolescentes, professores e adolescentes;
06. Pais desinformados, professores despreparados, livros inacessíveis são elementos reais na vida dos adolescentes;
07. Os adolescentes estão imbuídos de informações deturpadas;
08. Os adolescentes estão dispostos e interessados em refletir as questões sociais que estão relacionadas à vivência da sexualidade;
09. Há uma profunda inter-relação entre a questão sexual e a questão social;
10. A orientação sexual na escola é indispensável para propiciar a formação do indivíduo mais solidário e sujeito de sua história.

CONCLUSÃO

No decorrer da pesquisa, tentamos evidenciar a sexualidade como aspecto subjetivo intrinsecamente interligado à vida social e política, numa demonstração de que, nas sociedades de classes, a subjetividade é produzida de acordo com os interesses predominantes. Ao mesmo tempo, ressalta a necessidade de desenvolvermos uma nova subjetividade que “coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são nossos.” (Guattari, 1986)

Para isso, uma orientação sexual na escola se faz necessária. Todavia, não mais como pretexto para contornar problemas, mas para desfazer concepções errôneas, permitir às pessoas perceberem e sua sexualidade sem culpa, fundamentada numa abordagem natural e positiva da sexualidade situada num contexto político e cultural. Que, enfim, vise a sexualidade como legítimo prazer. Percebê-la assim é reconhecer como Reich

que “a juventude tem mais que um simples direito à informação, ela tem plenamente direito a sua sexualidade.” (1975)

Portanto, a sexualidade tem um papel importante a desempenhar na formação do indivíduo, deste com seu corpo, pois o corpo é o elemento primeiro de comunicação e relação com os outros homens.

Apesar de muitos pesquisadores estarem preocupados com a educação sexual e de todo o trabalho feito neste sentido, ainda encontramos muitas escolas na situação das trabalhadas nesta pesquisa, o que nos reafirma a necessidade...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CÂNDIDO, Antonio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, L. e FORACCI, M. *Educação e sociedade*: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
2. CARIDADE, Amparo. (Con)tato e diálogo na educação sexual. In: *Revista Sexus*. Rio de Janeiro: Mudes (2):12-13, 1990.
3. GUATTARI, F. ROLNIK, S. *Micropolítica*: cartografia do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
4. MARCUSE, H. *Eros e civilização*: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
5. REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
6. _____. *A função do orgasmo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
7. _____. *Psicologia de massa do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
8. _____. *O combate sexual da juventude*. Porto: Textos Marginais, 1975.
9. RIBEIRO, Marcos. Educação sexual. In: *Revista Femina*. Rio de Janeiro, (10):945-948, out., 1988.
10. VITIELLO, Nelson. (org.) *Sexologia II*. São Paulo: Roca, 1986.